

A NEOLIBERALIZAÇÃO DOS RELACIONAMENTOS: METÁFORAS QUE EVIDENCIAM A LÓGICA NEOLIBERAL NA REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA DAS RELAÇÕES AMOROSAS

Lívia da Silva Leite (UFSJ)¹

Natália Elvira Sperandio (UFSJ)

²Edmundo Narracci Gasparini (UFSJ) ³

Resumo: Este trabalho investiga como a ideologia neoliberal se manifesta, por meio de metáforas conceituais (Lakoff, Johnson 1980) em um post da rede social Instagram, no perfil de uma coach de relacionamentos. O objetivo é analisar de que a razão neoliberal se manifesta em áreas para além da economia, como o campo afetivo. A metodologia adotada é qualitativa, de caráter interpretativista, pela qual analisou-se 1 post no formato carrossel da coach de relacionamento Luiza Vono, cujo perfil é @luizavono no Instagram. Logo, fundamentadas em Dardot e Laval (2014), Foucault (2008) e outros, as análises das metáforas conceituais encontradas indicaram que o neoliberalismo é uma lógica que extrapola o mercado, pois regula a vida dos sujeitos em diferentes dimensões, inclusive na maneira como concebem e vivenciam seus relacionamentos amorosos.

Palavras-chave: Ideologia Neoliberal. Instagram. Metáforas Conceituais. Linguística Cognitiva. Relacionamentos.

1. LINGUAGEM, NEOLIBERALISMO E RELAÇÕES AFETIVAS: APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

O neoliberalismo, mais do que uma ideologia econômica, configura-se como uma racionalidade que ultrapassa o mercado, já que influencia diferentes dimensões da vida social. Como veremos a seguir, essa lógica permeia diversos campos da vida do sujeito, pois trata-se um sistema de autogoverno que em que o indivíduo age com base nas premissas neoliberais. Não é raro nos pegarmos nos cobrando extrema produtividade ou tentarmos estar acima da média, independentemente da esfera da vida.

Esta pesquisa se justifica por abordar um fenômeno atual, presente nas redes sociais, em especial no Instagram, que conta com mais de 134,6 milhões de usuários ativos no Brasil e

¹ Mestranda bolsista no Programa de pós-graduação em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: livia28leite@hotmail.com.

² Professora do mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), PROMEL,. E-mail: nataliasperandio@ufsj.edu.br.

³ Professor do mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), PROMEL, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: edgasparini@ig.com.br

cerca de 2 bilhões no mundo (Gonçalves, 2025). O corpus é composto por publicações do perfil @luizavono, de uma coach de relacionamentos com quase 1 milhão de seguidores e mais de 16 mil alunas no Brasil e no exterior. Seu público-alvo são mulheres bem-sucedidas profissionalmente, mas que ainda não encontraram um parceiro romântico. A escolha desse perfil permite observar como o discurso neoliberal é incorporado a conselhos e orientações sobre relacionamentos afetivos.

Ademais, o trabalho se justifica pela Linguística Cognitiva, tendo em vista que o sistema conceptual humano é predominantemente metafórico, ou seja, compreendemos o mundo por meio de metáforas e são elas que guiam nosso pensar e agir. Dessa forma, se estamos frequentemente conceptualizando tempo como dinheiro e a vida como uma empresa a ser gerida com o objetivo de obter lucro em todas as áreas, é assim que vamos agir. Sendo assim, compreender como a ideologia neoliberal se manifesta por meio de metáforas conceptuais torna-se relevante para identificar a profundidade de sua influência em nosso cotidiano.

Desse modo, a nossa questão de pesquisa é: de que forma como a ideologia neoliberal se manifesta, por meio de metáforas conceptuais (Lakoff, Johnson 1980) em um *post* da rede social Instagram, no perfil de uma *coach* de relacionamentos? Sendo assim, nosso objetivo com esta pesquisa é investigar como essa ideologia permeia a conceptualização do campo afetivo. A metodologia utilizada para cumprir tal proposição é qualitativa de caráter interpretativista, já que tal abordagem epistemológica parte da ideia de que a realidade se constrói socialmente e que o pesquisador tem o papel de interpretar significados, compreendendo os pontos de vista ressaltados no *corpus*.

Portanto, o trabalho se organiza da seguinte forma: *Introdução*, em que se situa a pesquisa, explicita a questão de investigação, o objetivo geral, a metodologia, o campo teórico utilizado e confere um panorama geral ao recorte temático. Depois, há as seções teóricas sobre metáfora e neoliberalismo. A seguir há a *Metodologia* que evidencia o percurso investigativo adotado. Após essa seção, apresentamos as análises e por fim, as *Conclusões Finais*.

2. METÁFORAS: CORRESPONDÊNCIAS ENTRE AS RELAÇÕES AMOROSAS E A LÓGICA EMPRESARIAL.

A metáfora, tropo que será explorado nesta seção, era vista, na Antiguidade, como um recurso meramente estilístico, um artifício retórico empregado para embelezar textos e discursos, considerado à época como um desvio no uso convencional das palavras. Assim,

entendia-se que sua essência era puramente linguística, fundamentada na substituição de termos com significados literais subentendidos. Conforme aponta Sperandio (2014), essa figura era tratada como uma ferramenta de cunho poético e persuasivo.

Para Aristóteles (1991, p. 273), a metáfora consistia em "transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia". Ele também reconhecia seu valor didático, argumentando que as metáforas possibilitam a criação de novas associações e facilitam a compreensão de conceitos ainda desconhecidos.

Com a virada de paradigma iniciada em 1979, a noção tradicional foi posta em xeque. Lakoff e Johnson (1980) propuseram que a metáfora não se restringe à linguagem, mas constitui parte do modo como os seres humanos pensam. Eles introduziram o conceito de metáforas conceituais, defendendo que expressões metafóricas são reflexo de generalizações cognitivas. O eixo central dessa teoria é a ideia de que as metáforas se originam no pensamento e influenciam diretamente a forma como as pessoas falam, interpretam o mundo e agem sobre ele.

Nessa linha, Sperandio (2014) reforça que a metáfora tem papel essencial na maneira como compreendemos noções abstratas — tempo, emoções, ações e quantidades, por exemplo, que muitas vezes só se tornam inteligíveis através de construções metafóricas. Nesse processo, a metáfora opera como um mapeamento entre dois domínios: DOMÍNIO-ALVO e DOMÍNIO-FONTE, sempre grafados em letras maiúsculas. O primeiro se refere ao conceito a ser compreendido, geralmente de natureza abstrata, enquanto o segundo é mais concreto e fornece as características que ajudam a descrever o alvo.

Lakoff e Johnson (1980) explicam que o processo metafórico acontece quando compreendemos ou experienciamos algo com base em outro referencial. Contudo, nem todas as propriedades dos domínios são transferidas nesse mapeamento. Como afirma Kövecses (2002), esse mapeamento é parcial. Além disso, os autores diferenciam a metáfora conceitual, que estrutura o pensamento, da metáfora linguística, que a expressa na linguagem. Um exemplo é a metáfora conceitual PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES, que fundamenta expressões como "cheguei aos meu objetivo".

A Teoria Neural da Metáfora, proposta por Lakoff e Feldman, acrescenta à discussão o papel da experiência corporal na construção e compreensão metafórica. Isso porque as vivências sensoriais moldam os circuitos neurais, reforçando a inseparabilidade entre corpo e mente. Essa

teoria amplia a Metáfora Conceitual ao incorporar achados da neurociência, especialmente as contribuições de Grady, Narayanan e Bailey.

Por essa perspectiva, os mapeamentos metafóricos, por estarem ancorados nas interações entre corpo e cognição, podem se expandir de situações específicas para abstrações mais complexas, como na metáfora "AMOR É VIAGEM". Esses mapeamentos ativam parcialmente o frame do DOMÍNIO-FONTE e os esquemas imagéticos associados. Isso explica como uma única metáfora conceitual pode originar uma variedade de expressões linguísticas, como "esse relacionamento não te levará a lugar nenhum" ou "eles chegaram ao altar", evidenciando a maleabilidade e a riqueza dos usos metafóricos.

A partir dessa abordagem, Forceville (2008) introduz o conceito de metáfora multimodal, em que os domínios-fonte e alvo se articulam por meio de mais de um modo comunicativo. Em 2009, o autor amplia essa proposta, investigando como diferentes linguagens, como imagens, sons e palavras, podem se cruzar na construção de metáforas, rompendo com a ideia de que essas ocorrências pertencem exclusivamente ao plano verbal.

Sperandio (2014), em diálogo com essa proposta, sustenta que a metáfora multimodal é resultado da interação entre múltiplas semioses, ou seja, sistemas de signos como os verbais, visuais e sonoros, presentes em gêneros comunicativos multimodais. Para ele, essa metáfora não emerge apenas da justaposição de diferentes modos, mas sim da interdependência significativa entre eles dentro de um contexto discursivo mais amplo.

Charteris-Black (2005), por sua vez, defende que a metáfora não é apenas um fenômeno cognitivo, mas também carrega dimensões ideológicas e persuasivas. Assim, ela atua como recurso discursivo capaz de evocar emoções, influenciar posicionamentos e reforçar argumentos. O autor propõe uma análise metafórica baseada em três dimensões: a persuasiva, a emocional e a avaliativa. Sob essa ótica, as metáforas não apenas refletem o pensamento, mas também contribuem para moldar percepções e atitudes, orientando a interpretação de eventos e consolidando visões de mundo específicas.

Portanto, uma mesma metáfora pode ser apropriada de formas distintas, conforme o viés ideológico que a sustenta. Isso significa que as metáforas não são neutras nem universais, elas carregam sentidos culturais e políticos que variam conforme o contexto, a intenção comunicativa e as crenças do interlocutor. Diante disso, torna-se indispensável reconhecer as camadas ideológicas envolvidas em seu uso. A seguir, apresento a metodologia da pesquisa.

3. NEOLIBERALISMO E O SUJEITO: APENAS UM FICANTE OU ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE

Para caracterizar o neoliberalismo, partindo de Dardot e Laval (2014), “o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (p. 25). Nesse sentido, ele é mais que uma ideologia ou modelo econômico, é uma racionalidade global que transforma condutas, instituições e subjetividades. Os autores evidenciam que ele se caracteriza como um “sistema de normas e instituições que comprime as sociedades como um nó de força” (Dardot e Laval, 2014, p. 20), isso porque ele se manifesta não apenas na economia, mas impõe a lógica do capital a todas as esferas da vida.

Dardot e Laval (2014) ainda vão explicitar que o neoliberalismo não se trata de um novo liberalismo, é diferente. No liberalismo, havia o *laissez-faire*, expressão francesa que implica deixar o mercado se autorregular, ou seja, o Estado não intervém na economia, pois o mercado se basta, se regula sem nenhuma intervenção. Porém, os autores explicitam que, no neoliberalismo, há sim o papel ativo do Estado.

Foucault (2008), em *Nascimento da biopolítica*, explicita bem essa diferença, enfatizando que o segundo não é apenas o primeiro de forma revitalizada, há grandes diferenças: “o problema do liberalismo clássico era demarcar entre as ações que deviam e não deviam ser executadas” (Foucault, 2008, p. 185). Dessa forma, no liberalismo clássico havia um limite de até onde o Estado poderia intervir; já no neoliberalismo é este órgão quem produz as condições para que tal lógica econômica funcione: “o governo num regime liberal é um governo ativo, vigilante e intervencionista” (Foucault, 2008, p. 185).

Dessa forma, é o Estado quem cria as condições para o mercado. O mercado, assim, é um dado produzido e não natural: “é necessário governar para o mercado, em vez de governar por causa do mercado” (Foucault, 2008, p. 178). Foucault (2008) vai usar a metáfora da moldura para caracterizar essa intervenção, ou seja, o Estado cria condições para essa racionalidade acontecer: “Não é tarefa do Estado substituir o mercado, mas torná-lo possível” (Foucault, 2008, p. 356).

Assim, o Estado regula para manter a concorrência, o que corrobora com a opinião dos dois autores de que “foram antes os Estados [...] que introduziram e universalizaram [...] a lógica da concorrência” (Dardot e Laval, 2014, p. 34). Isto é, ele não é neutro, é ativo nessa

nova lógica, evitando monopólios e distorções de mercado. Ainda, Foucault (2008) defende que o próprio Estado se vê como empresa. Dardot e Laval (2014) mostram exemplos disso, como políticas de austeridade, privatizações, educação pública como “empresa”. Esse último vimos de forma bem explícita no texto dos autores “A escola não é uma empresa”, em que eles explicitam como essa é a instituição que forma as pessoas com essa nova racionalidade neoliberal.

Dessa maneira, o governo atua como se estivesse criando as regras do jogo, para que o mercado cumpra: “o governo neoliberal não ordena, orienta o jogo” (Foucault, 2008, p. 347). Com isso, as leis ajudam nessa regulamentação. Ainda segundo Foucault (2008), “a lei não deve estar inscrita no bojo de uma opção econômica global” (p. 237). Para ele, as leis devem ser formais e previsíveis, além de haver uma rejeição à planificação estatal.

Segundo Foucault (2008), “o Estado de direito [...] é simplesmente o contrário de um plano” (p. 237). O Estado não deve agir como sujeito universal de saber econômico, pois a economia deve ser como um jogo entre indivíduos. O Estado seria como um árbitro e não um jogador, e as leis servem para manter as regras desse jogo. Para Foucault (2008), um exemplo disso é “fazer dos tribunais órgãos da economia” (p. 241).

Já, no âmbito dos indivíduos, o que ocorre é que há uma subjetivação neoliberal em que as pessoas passam a se comportar como se empresas fossem. Como explicita Foucault (2008), “trata-se de fazer do mercado, da concorrência e da empresa o poder enformador da sociedade” (p. 203). Exemplos disso são: organizar a vida em planilhas, não se permitir descansar, cobrar-se excesso de produtividade, não aproveitar suas folgas e enxergar o descanso como culpa. Logo, há um enfoque na performance do sujeito: “a economia não é ciência da produção, mas da conduta” (Foucault, 2008, p. 362).

Ele interfere na “forma de nossa existência: como nos comportamos, nos relacionamos e pensamos sobre nós mesmos” (Dardot e Laval, 2014, p. 27). Por essa lógica, os indivíduos se veem presos na concepção de que “tempo é dinheiro”. “O tempo do indivíduo deve ser rentabilizado” (Foucault, 2008, p. 351). Dessa forma, ocorre um gerenciamento do tempo como prática de autovalorização, e o tempo livre torna-se tempo de investimento. Não há espaço para o ócio, nem para o descanso ou lazer sem pretensão.

Com isso, “governar é estruturar o campo de ação dos outros” (Foucault, 2008, p. 346). O poder não atua apenas sobre o que as pessoas fazem, mas sobre o que elas podem fazer. Ou seja, ele intervém no campo das possibilidades: molda opções, organiza os caminhos acessíveis, define o que parece permitido, desejável ou inviável. Em vez de mandar diretamente que

alguém faça ou não faça algo, o poder funciona muitas vezes como um campo que orienta condutas ao influenciar contextos, percepções e condições de escolha..

Tendo isso em vista, governar é induzir condutas por meio da liberdade: “a liberdade é o meio pelo qual se exerce o poder” (p. 341). É nesse sentido que o governo neoliberal produz sujeitos livres e responsivos: os sujeitos acreditam estar livres e terem total responsabilidade sobre seu sucesso, fracasso e condutas . Foucault (2008) explica que “a autonomia neoliberal é inseparável da sujeição voluntária” (p. 375). Isto é, a liberdade e dominação se confundem nas práticas cotidianas, pois o sujeito escolhe o que foi programado para escolher.

Porém, a liberdade funciona como tecnologia de controle. Como dito anteriormente, o sujeito se vê responsável por tudo o que lhe acontece, sem pensar num contexto maior de um sistema complexo que cria desigualdades. Essa lógica é tão interiorizada no indivíduo que “o sujeito neoliberal não precisa ser vigiado, ele se regula” (Foucault, 2008, p. 352).

Os autores também vão fazer algumas referências a Foucault, explicitando que esse regime é uma forma de autogoverno, pois os indivíduos, tomados por si mesmos como empresas, se governam com o objetivo de obter uma máxima produtividade com vistas ao lucro e a uma ascensão social. Dessa forma, “todo indivíduo é investidor de si mesmo” (Foucault, 2008, p. 345). A concorrência interna estimula produtividade e eficiência, e a racionalidade orientada para resultados é modelada pela autoavaliação constante, tendo em vista que “o sujeito deve se comportar como empresa que concorre consigo mesma” (Foucault, 2008, p. 350).

Nesse sentido, “a racionalidade do mercado não se limita à economia, mas constitui uma forma geral de governamentalidade” (Foucault, 2008, p. 243), isto é, o mercado torna-se paradigma de regulação de toda a vida social, e a vida cotidiana é formatada por lógicas concorrenciais. “A família não é uma célula afetiva, mas uma empresa” (Foucault, 2008, p. 240). Com isso, a estrutura familiar é interpretada economicamente. Ainda, responsabilidades e decisões familiares se baseiam em retorno e custo. Ademais, para Foucault (2008), os sujeitos são livres para escolher dentro de molduras normativas reguladas, como dito anteriormente, e a verdade atua como dispositivo de normatização e controle: “a verdade do governo não é mais jurídica ou científica, mas econômica” (p. 368).

Sendo assim, um dos elementos da inscrição dessa racionalidade neoliberal nas subjetividades é a competição entre pares, que leva o indivíduo a se comportar como uma empresa. Para Foucault (2008), no neoliberalismo “a concorrência deve ser ensinada, praticada, incentivada” (Foucault, 2008, p. 344). Isso vai ao encontro dos outros dois autores: “a

competitividade tornou-se princípio político geral” (Dardot e Laval, 2014, p. 55). A concorrência é superestimada, a começar pela escola, com campeonatos, quadros gerais de notas e até olimpíadas nacionais e internacionais. “Uma subjetividade contábil e financeira [...] como a forma mais bem-acabada da subjetivação capitalista” (Dardot e Laval, 2014, p. 59).

Nesse sentido, a maneira como o sujeito se relaciona consigo mesmo é transformada: ele passa a se ver como capital humano, o que exige um esforço permanente de valorização e crescimento, já que seu valor é determinado pelo retorno que oferece. Até mesmo a “saúde é capital humano a ser protegido” (Foucault, 2008, p. 360). O corpo torna-se objeto de cuidado produtivo. Foucault (2008) explica essa relação, em que o indivíduo é visto como portador de um conjunto de competências e saberes; o autogerenciamento é um investimento, e a educação torna-se uma forma de capitalização de si.

Nessa última parte, a escola tem papel importante na consolidação de tal ideologia: “o ensino serve à formação de sujeitos adaptáveis” (Foucault, 2008, p. 361). Por esse viés, “o ensino não é consumo, mas investimento produtivo” (Foucault, 2008, p. 233). Por meio disso, a educação é vista como estratégia econômica e as escolhas educacionais são orientadas por retorno futuro.

Isso também vem se manifestando no mercado de trabalho, em que as pessoas estão “demonizando” o regime de trabalho CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e querendo se tornar todos PJ (Pessoa Jurídica), com vistas a se autogovernarem e tornarem-se chefes de si mesmos, pois “o neoliberalismo fabrica o sujeito empreendedor” (Foucault, 2008, p. 355).

Porém, isso se dá pela precariedade das relações de trabalho, visto que o CLT assegura direitos que as pessoas não têm como PJ. Mas a instabilidade é naturalizada como estímulo à inovação e não como um problema que o Estado deve olhar. Assim, para Foucault (2008), a precariedade é incorporada como oportunidade. Porque a insegurança quanto ao mercado o faz ser flexível, tentar se adaptar. Logo, para o autor, o sujeito neoliberal é livre porque não pode haver outra forma, pois liberdade é uma obrigação disfarçada, já que a autonomia se torna forma de sujeição eficaz.

Tudo isso é sustentado por “pódios” criados em relação às coisas mais banais possíveis para alimentar a competitividade, como a produtividade de hobbies, do lazer e até mesmo da aposentadoria. Dardot e Laval (2014) defendem que tudo isso mina a solidariedade, o que cria separações, abstenção, dessindicalização, comparações, racismo, sensação de isolamento, inveja e mal-estar aos seres humanos.

Tais questões têm implicações profundas para a democracia. Ao promover a ideia de que cada indivíduo deve funcionar como uma empresa de si mesmo, o neoliberalismo fragiliza a lógica da representação coletiva e enfraquece os vínculos sociais que sustentam a democracia representativa. Quando todos se percebem como agentes econômicos autônomos, concorrendo individualmente no mercado da vida, a noção de interesse comum e a disposição para a deliberação coletiva se esvaziam. Nesse cenário, a política deixa de ser um espaço de disputa por projetos comuns e se reduz à gestão da performance individual, contribuindo para a crise das instituições democráticas.

. Para Foucault (2008), no neoliberalismo, “o Estado deve deixar de redistribuir e passar a fomentar comportamentos” (p. 237). Com isso, há a substituição do assistencialismo por incentivo à iniciativa individual e o enfraquecimento das políticas de proteção social. A assistência social é vista como causa da apatia e dependência: “o Estado burocrático destrói as virtudes da sociedade civil” (Dardot e Laval, 2008, p. 62).

Dardot e Laval (2014) acreditam que o marxismo não dá conta do neoliberalismo, pois há a novidade da subjetividade: “o neoliberalismo emprega técnicas de poder inéditas sobre as subjetividades” (p. 38). Porém, acreditamos que muitos aspectos da teoria marxista ainda são relevantes, e que alguns conceitos presentes em seus escritos sobre superestrutura, infraestrutura e luta de classes podem ser relacionados à análise dessa nova racionalidade.

Para Marx, a infraestrutura econômica é a base que condiciona a superestrutura política e ideológica, mas essa relação é dialética: a base determina as condições materiais da sociedade, mas a superestrutura possui relativa autonomia para influenciar e modificar práticas sociais dentro dos limites estabelecidos pela infraestrutura. Assim, ainda que as classes dominantes exerçam controle predominante, as classes subalternas não são passivas, pois participam de processos de resistência e contestação que tensionam o sistema. Antes, isso acontecia principalmente por meio da igreja e da família como instituições reprodutoras dessa ideologia, hoje, é a escola que assume esse papel.

Dardot e Laval (2014) explicam que “os anos 1980 foram marcados, no Ocidente, pelo triunfo de uma política qualificada, ao mesmo tempo, de “conservadora” e “neoliberal” (p. 31). Essa foi a grande virada, o início da ruptura com o modelo do Estado de bem-estar. Isso aconteceu por alguns motivos, como a crise do fordismo em 1960, pelo alto estoque e crise do petróleo. Assim, “a estagflação parece assinar o atestado de óbito da arte keynesiana” (Dardot e Laval, 2008, p. 44). Então, os Estados remodelaram-se para atrair investimentos, apostando na exportação e concorrência.

Dardot e Laval (2014) também criticam Krugman e os keynesianos, pois eles propõem soluções econômicas sem alterar a racionalidade de base, o que não modifica o sistema e, portanto, fracassa. Ainda, eles explicitam que “a esquerda precisa remediar a pane de imaginação” (Dardot e Laval, 2014, p. 23). Já que o “fantasma do comunismo” fomenta uma volta de doutrinas fascistas já superadas, o que precisa ser rompido. Esse problema advém de oposições binárias criadas pelo neoliberalismo, como: propriedade privada x pública e autogoverno democrático x comando hierárquico.

Ademais, Dardot e Laval (2014) advogam que, quando há uma crise, ele não desaparece, mas sim se transforma e fica ainda mais forte, o que nos revela tamanha força dessa lógica. Assim, “a compreensão do neoliberalismo é uma questão estratégica universal” (Dardot e Laval, 2014, p. 25), para que haja consciência sobre como atua e, com isso, possa haver uma certa resistência por parte dos indivíduos.

Por fim, os autores reforçam que “precisamos trabalhar por uma outra razão do mundo” (Dardot e Laval, 2014, p. 24), por meio da análise dessa lógica em sua totalidade, ou seja, conhecer para resistir a essa racionalidade tão contrária ao que nos faz humanos, de modo a superar a impotência política por meio da crítica radical e do comum. Eles também reforçam que “não são só teorias falsas a combater, mas todo um quadro normativo” (Dardot e Laval, 2014, p. 60). Logo, o neoliberalismo pode ser caracterizado como um sistema reforçado por múltiplos domínios, economia, subjetividade, Estado, já que é uma razão de mundo totalizante. A seguir, traremos a metodologia

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, com abordagem interpretativista, por compreender que a realidade social é construída a partir das interações, narrativas e sentidos produzidos pelos sujeitos. Tal escolha se justifica porque o objetivo é interpretar como metáforas conceptuais revelam a presença da ideologia neoliberal em discursos sobre relacionamentos, não apenas quantificar ocorrências.

Nesse sentido, o *corpus* foi composto por publicações da coach Luiza Vono, perfil @luizavono, o qual foi selecionado pelo seu alcance, quase 1 milhão de seguidores e mais de 16 mil alunas no Brasil e no exterior, e pela relevância temática para os objetivos da pesquisa. Com isso, foram coletados 1 *post* no formato carrossel, publicado em julho de 2025. A escolha desse recorte temporal visou contemplar conteúdos representativos do discurso atual da coach.

A coleta foi realizada manualmente, por meio de capturas de tela e armazenamento em arquivo, de modo a preservar o texto e as imagens originais.

Posterior à coleta, a análise seguiu o referencial da Linguística Cognitiva, mais especificamente a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980), para identificar e classificar metáforas recorrentes. Depois,, as metáforas foram relacionadas ao quadro teórico sobre neoliberalismo, em especial os autores Dardot e Laval (2014) e Foucault (2008) para compreender como essa ideologia se manifesta na conceptualização das relações amorosas. Dessa maneira, a análise teve três etapas: (1) leitura do material coletado, (2) identificação das metáforas conceptuais e (3) interpretação das metáforas à luz do referencial teórico, buscando conexões com a lógica neoliberal e possíveis tensões com discursos conservadores.

Ademais, quanto aos aspectos éticos, por se tratar de um perfil público e de acesso livre, não houve violação de privacidade. As publicações foram utilizadas estritamente para fins acadêmicos, o que preservou a integridade do conteúdo original. Logo, como limitação, este estudo analisa apenas um perfil específico, o que restringe a generalização dos resultados. Pesquisas futuras podem ampliar o *corpus* para outros perfis e segmentos, a fim de verificar se o padrão identificado se repete em outros contextos. Na seção a seguir, estão as análises como descritas acima.

5. ANÁLISE: O CASAMENTO ENTRE O NEOLIBERALISMO E AS RELAÇÕES AMOROSAS

Quadro 1: Carrossel carro-chefe



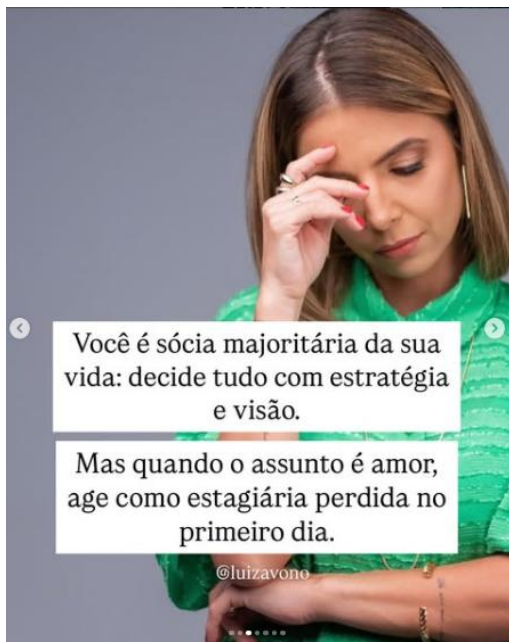


A VAGA MAIS IMPORTANTE
ESTÁ ABERTA.

@luizavono

Imagina comigo:
Você tem uma empresa.
E o nome dela é VIDA.

Quem comanda tudo?
Os sócios.



Você é sócia majoritária da sua
vida: decide tudo com estratégia
e visão.

Mas quando o assunto é amor,
age como estagiária perdida no
primeiro dia.

@luizavono

Mas adivinha?
Tem uma vaga aberta na
sua empresa.

Cargo: Parceiro de vida. O
outro sócio dessa empresa!

É uma vaga de alto impacto!



Fonte: Instagram @luizavono (2025). Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/DJr1KV2vmeS/?img_index=1>. Acesso em: 25 jul. 2025.

Esse é um post “carrossel”, no Instagram, ou seja, um post que pode ter mais de uma foto, chamada também de card. No primeiro card, que é a capa, já temos uma metáfora conceptual segundo Lakoff e Johnson (1980), NAMORADO É SÓCIO e PARCEIRO É CARGO/VAGA visto que ela fala de relacionamento, há um casal na capa e essa vaga se refere a do parceiro de vida. No segundo card desse carrossel, temos que VIDA É UMA EMPRESA, pois ela fala, literalmente, que a leitora tem uma empresa chamada “vida”, ademais, temos a metáfora AMANTES SÃO SÓCIOS nesse mesmo card.

Nesse sentido, Foucault (2008) explicita que o sujeito neoliberal se comporta como uma empresa: investe em si, regula-se, autoavalia-se (p. 345–350). Assim, é exatamente isso que as metáforas mostram, a coach faz uma relação entre a vida da pessoa como sendo uma empresa, cuja “vaga” de parceiro está aberta. Tendo isso em vista, Segundo Dardot e Laval (2014), o neoliberalismo não é apenas ideologia ou política econômica, mas um sistema normativo global que estende a lógica do capital a todas as esferas da vida (p. 25), isto é, esse comportamento não está somente na esfera do trabalho, mais também vem para a vida pessoa, para os relacionamentos.

No terceiro card há a metáfora MULHER É SÓCIA MAJORITÁRIA, mas quando a mulher erra, ou não sabe escolher o homem certo: MULHER É ESTAGIÁRIA. No quarto card, RELACIONAMENTO É EMPRESA, tem até a descrição do cargo e da vaga, com os dizeres

Realização:



II SINELMIC
II Simpósio Nacional de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas
ANACLETA, PRESENTE!

“vaga de alto impacto”, que metonimicamente representa a importância dessa vaga, No quinto card há RELACIONAMENTO É SOCIEDADE EMPRESARIAL,

No sexto card, há HOMEM É SÓCIO, pois ela faz os apontamentos do que faria se fosse uma vaga, e que a leitora deveria fazer a mesma coisa para o relacionamento. Tudo isso, reflete o que falamos na seção do neoliberalismo, de acordo com Dardot e Laval (2014), o neoliberalismo é mais que uma ideologia, é uma razão governamental que abrange até mesmo as relações amorosas dos indivíduos. A seguir fazemos as considerações finais..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar de que forma a ideologia neoliberal aparecia, a partir de metáforas conceituais da Linguística Cognitiva, em um post carrossel da rede social do Instagram, no perfil da coach de relacionamento. Luiza Vono possui quase um milhão de seguidores, além de mais de 16 mil alunas no Brasil e no exterior. Tendo isso em vista, as análises mostraram que o post do perfil @luizavono no Instagram combinam a ideologia neoliberal, cujas metáforas traziam a percepção de relacionamento como estratégia, como empresa a ser gerida, parceiros como sócios, a relação como uma negociação, com aspectos conservadores que mantêm papéis de gênero tradicionais.

Ademais, a *coach* conceitua as relações amorosas habilidades a serem aprendidas, o que evidencia o aspecto neoliberal de aperfeiçoamento constante. Ainda, quando coloca a mulher como “sócia majoritária” de sua empresa “vida”, a *coach* evoca a responsabilização individual da mulher pelo seu sucesso afetivo, isto é, é ela quem precisa agir de modo a receber o pedido de namoro/casamento. Nesse sentido, há uma relação paradoxal entre o agir feminino com aspectos conservadores, como a manutenção de papéis tradicionais de gênero. Sendo assim, a mulher deve agir discretamente, para que o homem se sinta no comando. Porém, a responsabilidade por fazer dar certo, segundo esse perfil, é da mulher.

Dessa forma, Dardot e Laval (2014) e Foucault (2008), o neoliberalismo regula não apenas a economia, mas a subjetividade dos sujeitos, como já dito, é uma racionalidade que governa o agir individual das pessoas. No post analisado, essa razão neoliberal atravessa as narrativas afetivas. Com isso, o relacionamento é visto como uma área da empresa “vida”, a qual a pessoa precisa gerir da melhor forma, se aperfeiçoar constantemente para alcançar sua melhor versão e assim conseguir ter sucesso nessa área.

Logo, analisar esses fenômenos criticamente permite compreender como o neoliberalismo afeta as subjetividades, perpassando pelas relações entre indivíduos no campo afetivo e como isso pode mecanizar e engessar dinâmicas tão humanas quanto as relações amorosas. Ademais, nos faz entender como discursos de empoderamento feminino podem, paradoxalmente, reforçar estruturas patriarcais, como os papéis de gêneros e como se deve seguir a agência feminina, comandada por imposições sexistas. No entanto, o estudo limitou-se a um único perfil no Instagram, o que restringe a generalização dos resultados, por tanto, futuras investigações podem analisar se esse efeito contraditório entre neoliberalismo e conservadorismo se repete em outros nichos de coaches ou influenciadores digitais.

REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Sandra Mara Corazza. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

GONÇALVES, B. Pesquisa Instagram no Brasil 2025: dados dos usuários brasileiros. **Blog Opinion Box**, 11 fev. 2025. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>>. Acesso em: 8 ago. 2025.

LUIZA VONO (@luizavono) • **Fotos e vídeos do Instagram**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/luizavono/>>. Acesso em: 25 jul. 2025.

Realização:



II SINELMIC
II Simposio Nacional de Estudos em Línguas, Memórias, Identidades e Culturas
ANACLETA, PRESENTE!